COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'A Espiritualidade Clandestina de José Saramago', de Manuel Frias Martins]

Agripina Carriço Vieira

Para citar este documento / To cite this document:

Agripina Carriço Vieira, "[Recensão crítica a 'A Espiritualidade Clandestina de José Saramago', de Manuel Frias Martins]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 252-253.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

secundariza manifestamente outra bibliografia histórico-crítica ou teórico-literária. Em todo o caso, o presente volume cumpre a função relevante de reunir estudos dispersos sobre Pascoaes, proporcionando assim uma visão de conjunto, com isso facilitando o acesso aos leitores interessados. Ao mesmo tempo, a coletânea afirma-se como um esforço continuado de resgate e de releitura da obra de Pascoaes ao nível da história da literatura atual, seja face ao silêncio e incompreensão de que alegadamente tem sido alvo, seja também em relação ao peso nefasto de certa fortuna crítica, seja ainda, consequentemente, na proposta de revisão do cânone contemporâneo.

José Cândido de Oliveira Martins

Manuel Frias Martins
A ESPIRITUALIDADE CLANDESTINA DE JOSÉ SARAMAGO
Lisboa, Fundação José Saramago / 2015

Em *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*, Manuel Frias Martins propõe uma análise arrojada e inovadora do universo ficcional do Nobel da Literatura. O título do ensaio, publicado pela Fundação José Saramago, enuncia desde logo o desafio empreendido pelo autor e que partilha com os leitores ao sugerir uma análise da obra a partir de um ponto de vista menos trabalhado e estudado, o da espiritualidade. Por outro lado, a temática enunciada surpreende pelo facto de se apresentar em contracorrente não só das leituras da obra de Saramago, mas também das reiteradas afirmações do escritor acerca da sua assumida condição de ateu. Em inúmeras ocasiões, quer em entrevistas, quer nos textos diarísticos ou de opinião, José Saramago manifestou as suas perspetivas acerca da religião e do seu relacionamento com Deus e a espiritualidade, que invariavelmente remetem para uma atitude dual, num misto de distanciamento e interesse, como fica claro no seguinte excerto inicialmente publicado na revista *Ler* e retomado na edição especial conjunta da *Visão* e do *JL* de 19 de junho de 2010, p. 56, publicada aquando do desaparecimento do escritor: «Provavelmente sou um homem bastante religioso. Bom, para se ser ateu como eu sou, deve ser preciso um alto grau de religiosidade.»

A Espiritualidade Clandestina de José Saramago estrutura-se em treze curtos capítulos, a que se soma um último a que é atribuído o papel de fechamento do estudo, antecedidos de uma introdução, onde, para além de definir o *corpus*, o autor procura explicitar de modo claro alguns dos conceitos sobre os quais se sustenta a sua análise, recorrendo amiúde para tal à citação de textos e autores que iluminam as teorias defendidas. O aspeto porventura mais inovador da perspetiva assumida é o que consiste em considerar que o apregoado ateísmo de Saramago funciona antes «como uma espécie de ocultação tática de um *segredo autoral* que alguns romances, lidos a partir de um impulso muito particular, estariam dispostos a identificar e a revelar em termos de *espiritualidade clandestina*» (19).

Afastando-se de uma assunção mais canónica ou convencional do termo *espiritualidade*, Manuel Frias Martins define-a como uma inquietação do autor que se insinua e pesponta *clandestinamente* ao longo dos escritos. Precisando-lhe mais à frente o sentido, refere-a como «um lugar de interrogação hermenêutica e trabalho crítico» (*ibid.*), que «atravessa os romances ao ritmo da dúvida e do desassossego de um autor em busca do sentido para o humano e sobretudo para as construções humanas do divino» (*ibid.*). Assim, o que se persegue neste ensaio é a apreensão

da espiritualidade clandestina, definida como um ponto de vista, que se caracteriza por ser ativo e crítico, a partir do qual o mundo é observado, sobretudo as ações que os homens praticam em nome de Deus. Os romances constituem-se como locais de questionamento e «de forma do conhecimento do homem e das suas circunstâncias» (186).

A sua tese funda-se num *corpus* constituído por dois romances, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, identificados através da designação «romances bíblicos» (85), porque, como explica, são textos onde a problemática religiosa assenta num diálogo mais intenso e constante com a Bíblia. Desde o primeiro momento, Frias Martins baliza o percurso hermenêutico que empreende neste ensaio, afirmando que a sua análise se centra exclusivamente em questões de ordem estético-literária, recusando qualquer incursão pelo campo da ideologia ou da teologia. Considerando que «a espiritualidade não se esgota na religião nem no misticismo, na medida em que a espiritualidade lhes é anterior» (57), interessa-lhe problematizar a representação histórico-literária de Deus nas obras selecionadas, deixando de parte a sua dimensão transcendental.

O estudo dá-nos a conhecer um José Saramago leitor interessado, atento e crítico da Bíblia, conhecimento esse que se revela nomeadamente na construção das personagens de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, e mais especificamente nos protagonistas de cada uma dessas narrativas: Jesus, «um homem solitário em virtude das suas interrogações face a Deus» (95) que surge como «agente saramaguiano da surpresa e da indignação, uma espécie *de força da esperança na vontade do homem livre*» (61), e Caim, «um caminheiro errante e solitário vivendo num exílio de que não consegue escapar devido ao abandono divino» (96). É através deles que se especificam os contornos da representação do Deus saramaguiano, apresentado como um ser manipulador e astuto em relação aos Homens que criou, que se compraz com a dor e o sofrimento infligidos à sua criação, um ser demoníaco. Contra ele se rebelam quer Jesus quer Caim, apelidados e problematizados pelo crítico como «heróis trágicos» (*ibid.*), de tradição grega o primeiro, cristã o segundo.

Centrando-se, como dissemos, nos dois romances bíblicos, Frias Martins não deixa de empreender uma viagem empolgante pela obra de José Saramago, dando-nos a ler os diálogos ponteados de humor que se estabelecem entre os textos, nomeadamente quando Saramago recorre à autocitação *clandestina*, aquela que silencia a sua autoria (parafraseando a feliz expressão de Frias Martins). As relações dialógicas enriquecem-se com a convocação de outros autores e outros textos, estabelecendo pontes entre o pensamento e a escrita de Saramago com autores tão diferentes quanto o poeta francês Baudelaire, o padre católico Hans Küng ou ainda o poeta português Tolentino Mendonça, o que se constitui incontestavelmente como uma mais-valia do estudo, ao construir uma teia intertextual de grande relevância hermenêutica, particularmente presente nos capítulos que discutem a problemática do erro e a erotização da vida.

O ensaio de Manuel Frias Martins veio demonstrar, de modo sustentável e pertinente, antes de mais a centralidade da questão religiosa na análise da literatura, mas também e sobretudo que, apesar de José Saramago gostar de se definir como um homem sem fé religiosa, os seus textos são percorridos por uma espiritualidade clandestina, que é, antes de mais, signo e sinal do comprometimento ético e político do escritor.

Agripina Carriço Vieira